

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO V

HOMENAGEM A GAMA BARROS

Volume II



COIMBRA / 1951

Itinerário do Duque de Bragança em 1449 (*)

Foi já há bastantes anos que o estudo de um passo da *Chronica de D. Affonso V*, de Rui de Pina, nos levou a rever as interpretações modernamente dadas ao caminho que D. Afonso, primeiro Duque de Bragança, tomou para fugir ao combate com as tropas de seu irmão, o Infante D. Pedro. Sobretudo, pensámos em desfazer a pouco explicável confusão estabelecida entre o itinerário que ele adoptou, e aquele seguido por uma fracção dos homens que o acompanhavam, com que, na maior parte das obras recentes, anda confundido o primeiro, embora há muito esteja publicado um texto cuja leitura permitiria desfazer esse erro. Um e outro, aliás, não são conhecidos, e podem prestar-se a interpretações diversas, embora com limitada imprecisão.[®]

Começaremos por um ligeiro resumo dos factos, e transcrição dos textos em que eles são narrados. (*)

(*) O artigo que segue é excerpto de um estudo que há muito trazemos entre mãos sobre estradas de Portugal na Idade Média.

A grande extensão do assunto e a extrema diversidade de fontes a consultar têm-nos obrigado a avançar lentamente nesse estudo, estando apenas esboçados quase todos os capítulos que o devem formar.

Circunstâncias especiais permitiram-nos, sobre alguns dos pontos que ah devem ser tratados, reunir elementos de molde a poderem ser considerados dignos de divulgação, embora não bastantes para elucidar o assunto em termos definitivos.

Trata-se aqui da arbitrária unificação de dois itinerários diversos, que os historiadores modernos estabeleceram por errada compreensão de uma crónica; e também se induz a existência de uma estrada medieval, que se deixou perder depois, provavelmente porque, em época mais próxima de nós, passou a ser muito pouco frequentada. São todavia ainda deficientes os elementos que permitiriam determinar o traçado dessa estrada.

Depois que D. Pedro, tendo deposto a regência, se retirou para Coimbra (meados de 1447) ^{as} contendas entre os seus partidários e os do Rei exacerbaram-se progressivamente. Perto de dois anos mais tarde, o Duque de Bragança, chamado à Corte por D. Afonso V, e acompanhado por numerosa escolta, aproximava-se das terras que eram do Infante; mandou-o ele prevenir de que não lhe permitiria a passagem, e com esse intuito reuniu forças em Penei a.

Emissários de El-Rei e do Infante D. Henrique lhe comunicaram a ordem régia, terminando por lhe intimar a volta a Coimbra, e cominando-lhe que deixasse passar o Duque. D. Pedro disse submeter-se, mas procedeu contrariamente às suas palavras. Seguiu com as suas tropas para a Lousa, Vilarinho, Serpins, enquanto D. Afonso vinha de Coja para a Várzea Grande.

Distavam cerca de uma légua os dois pequenos exércitos, ambos acampados no vale do Ceira, mas provávelmente em margens opostas.

Na sexta-feira, antes de Ramos, o Duque, ou por não encontrar na maior parte dos seus homens vontade de combater, ou por ter recebido ordens de El-Rei para evitar o encontro — ambas as versões aparecem nos historiadores antigos — não podendo também regressar pelo caminho por onde viera, porque, falsa ou verdadeiramente, o ilformaram de que o Infante tinha mandado destruir os meios de passagem do Alva, resolveu abandonar a sua escolta, partiu depois de caída a noite, e atravessou a serra com poucos companheiros, e por caminhos desusados.

A esta notícia, as suas tropas dispersaram-se, sem que os homens de D. Pedro as perseguissem, por determinação deste, que só na manhã seguinte soube do facto.

A travessia da serra, em época ainda fria do ano, fez-se com grande dificuldade; depois de reunir parte dos seus, o Duque seguiu para Santarém, onde estava a Corte. Ali se realizou um conselho, em que, após largas discussões, se resolveu declarar o Infante D. Pedro rebelde e desleal.

Em consequência, mandou D. Afonso V publicar éditos contra os que estavam com D. Pedro, e outros em que prometia perdoar as culpas dos homiziados que contra ele o viessem servir. Tais éditos foram levados a Coimbra por Lourenço Abul, escrivão da Câmara Real — e, segundo Pina, não foi ele o primeiro emissário —

que chegou ali em sábado de Aleluia, e já no Domingo de Páscoa voltava a Santarém, a comunicar a El-Rei que o Infante não consentira na publicação.

Os acontecimentos subsequentes não interessam ao nosso propósito, que mais não é do que estudar o caminho seguido por D. Afonso da Várzea para Santarém, e ainda aquele por onde fugiu a maior parte dos seus homens.

Como simples incidente, notaremos que, seja qual for a versão que queira adoptar-se para explicar o abandono das suas tropas pelo Duque de Bragança, ou ainda admitindo que no seu procedimento influíssem as duas causas antes apontadas, parece sempre demonstrado que não era seu intuito combater D. Pedro, mas apenas reunir-se ao Rei. No caso contrário, bem pode supor-se que se faria acompanhar de homens determinados a bater-se para abrir passagem, e que, portanto, se mais não fez que obedecer às instruções de D. Afonso V, tivesse, pelo menos, mantido em ordem os seus homens, retirando com eles por um caminho trilhado.

Vejamos agora como os diversos autores contam estes factos.

Escreve Rui de Pina :

(D. Pedro) se foy aa Lousam, e cThi a huma Aldea sua que se diz Villarinho, onde soube que o Duque era em Cója, couto e lugar do Bispo de Coimbra....

Ho Duque de Bargaça nom leixou de continuar sua viagem atée duas legoas da Lousam.. . como... soube que o Yfante estava já em Serpyz, que era delle pouco mais de huma legoa....

Ho Duque naquelle dia que era Sesta feira ante do Domyngo de Ramos.... nom achou em todos aquella fortalleza e esforço, que para tal afrota se requeria....

Pollo qual (o Duque),.. determinou em sy mesmo de nom seguir adiante nem cometer o Yfante, nem menos o esperar. E hordenou poerse secretamente em salvo como fez, e nom se quiz tornar atraz.

Pera o qual (a alguns que avisou secretamente) mandou que hum e hum dessimuladamente se sayessem do arrayal, e elle com duas soos guias que tomou, em se çarrando a noite se sahio a cavallo, e se foy ccm elles ajuntar, que com muy grande perygo, e trabalho dos corpos e cavallos atravessaram a Serra d'Estrela, que lhes jazia aa mão esquerda.... E os seus que leixou, como souberam da sua partida que foy sendo ja grande parte da noite pasada... cada hum-----se apressou de o seguir nam sem grande desmando e nenhum acordo.

E assy passaram a Serra do Baçoo até decerem a outra banda de meo dia contra Govyham ... E no cimo da serra honde dizem Albregaria acharam mortas de frio algumas pessoas....

Ho Duque como da banda de Govyham acabou de recolher a gente que o seguio, fez logo seu camynho para Santarém.....

.. Os primeiros que pera ysso (*levar os editos a Coimbra*) foram ordenados cometeram ho camynho, mas com receo nam o seguiram e se tornaram, em cujo lugar foy logo hordenado por El-Rey, e envyado a Coimbra----- (*Lourenço Abryl, escrivão da camara*)... como quer que no camynho fosse das guardas do Ifante impidido, ouve porem de chegar a elle com sua licença e prazer, e tanta pressa se deu para a destruyçam do Yfante, que o Duque desapareceu do seu arrayal em Goja bespora de Ramos como atraz fica, e estes editos chegaram ao Yfante em Coymbra bespora de Pascoa.

(*Chronica de D. Affonso V, in Coleccão de Livros Inéditos de Historia Portuguesa, i, 382-394; Lisboa, 1790*)

Temos, antes de tudo, de corrigir nesta citação um erro que é da responsabilidade do publicador do manuscrito de Pina, abade Correia da Serra : conforme verificámos no exemplar da *Chronica de D. Âffonso V* existente na Torre do Tombo, o escrivão da Câmara figura ali com o seu verdadeiro nome de Lourenço Abul⁽⁴⁾ embora um defeito de escrita possa fazer supor que o apelido é Abril, como diz o texto publicado.

Para o nosso propósito importa apenas salientar que o Duque atravessou a «serra d'Estrella que lhes jazia aa mão esquerda» e que os seus homens na fuga «passaram a Serra de Baçoo ate'e decerem contra Covyham», passando a crista da serra «honde dizem Albergaria», o que indica uma estrada frequentada, e, finalmente, que D. Afonso recolheu a sua gente «da banda da Covyham».

Como o notou Braamcamp Freire ⁽²⁾, todos os historiadores que se seguiram a Pina foram nele beber a sua narração. Alguns conservaram até as palavras, como Duarte Nunes de Leão:

Pollo que (D. Pedro) com sua gente, & carruagem se foy logo de Penella á Lousaã, & dahi a hua aldea que chamão Villarinho onde soube que o Duque era em Goja....

(4) Ver, por ex.» *Chancelaria de D. Afonso V*, L.º 47, fl. 40 v.

(*) *Amarrado ao pelourinho*, 77.

(O Duque) prosseguio seu caminho até duas legoas da Lousã : mas como soube que o Infante era já em Serpins, hua legoa delle, ficou confuso

Não achoti nos seus aquelle esforço, & vontade de pelear, que para tal feito se requeria . . . passarão a Serra do Baço.....
.....
.. Tanto que o Duque junto da Covilhã acabou de recolher sua gente...

(Chronica, e vida Del Rey Dom Affonso V, 65-69; Lisboa, 164?)

Oliveira Martins não teve também outras informações, visto não citar mais que a Crónica de Rui de Pina :

O duque de Bragança conservava-se em Côja. D. Pedro avançou da Louzã a Villarinho, meia legua para nordeste, pelas alturas sobranceiras ao valle do Coura (sic)... Em Coja, sobre o Alva-----o duque assentara num lugar forte. Entre as posições dos inimigos... haveria umas cinco leguas de distância... O choque era inevitável; ou o duque havia de regressar, subindo o valle do Mondego, pelo caminho por onde descera.

...Á frente dos esquadrões, com o conde de Avranches a seu lado, D. Pedro avançou mais, obra de uma legua, sobre Serpins, porque do lado opposto o duque de Bragança descera até à Varzea, obra também de tres leguas. No valle do Goura (sic), D. Pedro a jusante, o duque a montante, estavam menos de urna legua afastados-----

....Desde que avançara até à Varzea, o duque de Bragança metera-se n'am fundo de sacco. Não podia retirar, porque as povoações tinham destruído as barcas para a passagem do Alva, que ia cheio na primavera com o derreter das neves da serra. Não podia combater, porque as tropas debandariam----- Portanto, apesar do desaire e da idade, fugiu, abandonando os seus. Com um punhado de cavaleiros, de noite, meteu-se à serra. Seguindo as picadas, guiado por pastores errantes-----Pelo Alvoco, deixando à esquerda o cume esbranquiçado da Estrella foi sair á Covilhã-----

... Quando se viram abandonados, os homens do duque debandaram... Levavam todos o mesmo norte : galgar os montes e recolher-se á Covilhã ... Em Albergaria, lá pelos altos, morreram alguns de frio....

... Que importava que o duque de Bragança colligisse na Covilhã os farrapos das suas tropas, e se apresentasse em Santarém, na córte, como vencedor?..

... A fuga do duque fora na vespera de Ramos; e na vespera de Paschoa chegavam a Coimbra as intimações do rei...»

(Os filhos de D. João I, 326-331 6.ª ed.; Lisboa, 1926)

Nesta descrição de brilhante colorido abundam as incorrecções, já de facto, já de aproveitamento da única fonte (Rui de Pina) a que Oliveira Martins recorreu. Em primeiro lugar, se o Duque

seguisse de Coja pelo Alvoco à Covilhã, teria a Serra de Estrela à mão direita, não à esquerda. Depois é ele próprio que toma pelo Alvoco — interpretação bastante forçada de *Baço*. Finalmente, é de notar a progressão de ideias sobre o local da reunião das tropas dispersas e do seu chefe, que em Pina é vagamente da banda de Covilhã, para se restringir em Duarte Nunes de Leão, onde já se diz junto da Covilhã, e acabar em Oliveira Martins por ser na Covilhã.

Como última nota, salientemos que este historiador considera verdadeira a notícia da destruição dos meios de passagem do Alva, que o cronista de D. Afonso V negava, talvez no propósito de desculpar o Infante. Aliás, Oliveira Martins também não fala de que a destruição se fizesse por ordem do antigo regente.

As histórias gerais aproveitam igualmente a narração de Pina: D. António Caetano de Sousa introduziu-lhe alguns erros, mas manteve a essência da narração :

...o Duque D. Afonso não querendo politicamente esperar então o successo delia (*da batalha*) em hum Domingo de Ramos do anno 1449 escolheo da sua gente mil e novecentos homens de cavallo, alem de muita gente de pé, e com o mayor segredo que pode sahio do seu campo, e levando duas guias, favorecido da noite se poz a cavallo, buscando a volta da Serra de Estrella, por onde marchou...

(Historia Genealógica, V. 68; Lisboa, 1738)

Houve, indubitavelmente, leitura precipitada da parte de D. António Caetano de Sousa, que confundiu o total da gente do Duque com os poucos homens que o acompanharam, parecendo dar a entender que retirara com o maior segredo... levando consigo uns poucos de mil homens.

Pinheiro Chagas, que não chega a referir-se a qualquer deslocação do duque para além de Coja, diz que elle a atravessou a Serra da Estrella e dirigiu-se à Covilhã (3).

Angelo Ribeiro acumulou os erros: segundo ele:

Na Sexta-Feira Santa do ano de 1449, o combate parecia inevitável... O duque de Bragança... ordenou a retirada pacífica, recomendando aos seus homens que, um a um, fossem deixando dissimuladamente o acam-

(3) *Historia de Portugal*, 11, 379, 3.ª ed.; Lisboa, 1899.

pamento. Quando as forças se reuniram, evolucionaram na direcção da Serra da Estrella, atravessaram-na, descendo para o lado da Covilhã.

...Quando o duque de Bragança chegou finalmente a Santarém ..

(História de Portugal, dirigida pelo Dr. Damião Peres, m, ç3; Barcelos, 1931)

O autor não marcou data para a chegada a Coimbra de Lourenço Abul — a quem chama Abril como o texto impresso de Rui de Pina — o que deixa ficar despercebida a evidentíssima confusão da sexta-feira antes de Ramos com Sexta-Feira Santa, e desconheceu o segredo com que o Duque de Bragança abandonou o seu arraial.

Fortunato de Almeida, que se socorreu do texto de Gaspar Dias de Landim, que adiante estudaremos, para explicar a desapareição do Duque, diz também que ele se desviou «do caminho da Lousã, que levava, cortou pela serra da Estrela, parte da sua gente pela serra do Bôco e foram dar á Covilhã» (4).

Ora, em nosso entender, todos erraram no itinerario que supuseram às tropas em fuga e sobretudo ao Duque de Bragança. Nem este foi nessa ocasião à Covilhã, nem mesmo talvez lá fossem as suas tropas, embora buscassem refugiar-se no concelho dessa vila, nem Baço, ou Bôco, é provàvelmente Alvoco da Serra. Uma simples consideração de tempos e distâncias nos levará a essa conclusão. Depois citaremos um texto que o confirma.

*

*

*

Se quisermos supor que o duque de Bragança, tomou, ao sair da Várzea Grande, o caminho que segue os vales do Alva e do seu afluente Alvoco, poderemos ainda admitir que, por Alvoco da Serra e Unhais da Serra, foi sair à Covilhã, como supõem os historiadores modernos. Vindo daqui a Tortozendo e Barco, desceria depois pela margem esquerda do Zézere — para lhe fazermos adoptar o caminho mais curto — tornando a atravessar este rio entre Pedrógão Pequeno e Pedrógão Grande ou no Vale da Ursa, entre a Sertã e Aguas Belas, na direcção geral de Tomar. Se>

(4) *História de Portugal*, ir, 65 ; Coimbra, 1924.

porém, ^preferisse manter-se sempre na margem esquerda do Zézere iria da Sertã a Vila de Rei e Abrantes.

E claro que muitos outros caminhos poderia ainda tomar a saída da Covilhã, como o de Castelo-Branco ou o de S. Vicente da Beira, por Cortiçada (Proença-a-Nova), ou por Oleiros, mas todos eles mais longos que os anteriores.

Mas também se pode admitir que o duque não chegasse a ir à Covilhã, e mesmo que abandonasse mais cedo o vale do Alvoco: em Vide, tomando direito ao Sobral, ou cerca de uma légua acima na direcção de Teixeira e Paul.

Do Paul iria atravessar o Zézere no Barco, ou seguiria pela encosta sul da Serra da Estrela na direcção de Cabril e Pampilhosa, a passar à margem esquerda em Álvaro. Do Sobral podia aproveitar este caminho ou vir transportar o rio entre Ourondo e Silvaes.

Ambas estas hipóteses apresentavam a vantagem de que a travessia da crista da serra se fazia a uma altitude inferior a mil metros, enquanto o caminho de Alvoco para Unhais da Serra sobe a mais de 1.300 metros. Além disso era menor a extensão a percorrer para chegar ao Zézere.

Podia ainda dirigir-se ao Sobral, torneando a nascente do Ceira pelo caminho que acompanha sensivelmente a crista da serra; ou tomar a directriz de Fajão e Cabril, ou a da Pampilhosa da Serra, ou, finalmente a de Alvares. Qualquer destas soluções implica o abandono da identificação de Alvoco com Baço ou Boco, ou, pelo menos, a ideia de que o duque não atravessou a serra que tinha um daqueles nomes.

Vejamos qual das hipóteses se ajusta melhor aos factos, que nos são transmitidos pela *Chronica de Z. Affonso F*, e que vamos recapitular.

Na noite de sexta-feira para sábado antes de Ramos, o duque sai do seu acampamento; por caminho pouco trilhado, atravessa difficilmente a serra; detem-se para reunir parte dos seus homens; vai procurar D. Afonso V em Santarém; após a sua chegada, reune-se o Conselho que só resolve a attitude a tomar com D. Pedro depois de várias sessões; os primeiros mensageiros que partem para Coimbra, detêm-se, receosos do Infante; na falta deles, é mandado o escrivão da Câmara, que chega lá no sábado de Aleluia, depois de ter sido demorado no caminho

pelos homens do Infante, e no domingo de Páscoa já está de volta.

Eliminemos o tempo gasto por Lourenço Abul: a distância de Santarém a Coimbra — pela estrada romana, que era mais curta que a actual — não baixava, todavia, de uns 120 quilómetros, e assim podemos afirmar que as intimações de El-Rei a D. Pedro partiram na sexta-feira, e, portanto estavam já redigidas em Quinta-Feira Santa, e até provavelmente antes, visto os primeiros emissários terem chegado a partir e retrogradado.

Admitindo que as várias sessões do Conselho de El-Rei se dessem todas no mesmo dia — Quarta-Feira de Trevas na melhor das hipóteses — restam, quando muito, quatro dias ao duque para fazer o percurso da Várzea a Santarém, dos quais perderia pelo menos um à espera dos restos das suas tropas.

A distância entre estes dois pontos, medida a curvimetro na carta — e portanto inferior à real, porque despreza a diferença importante que em região acidentada resulta da inclinação de uma linha sobre a sua projecção horizontal — vai-nos mostrar o grau de probabilidade que corresponde aos diferentes caminhos possíveis.

Essa distância, seguindo o caminho de Vila Cova — Avô — Alvoco da Serra — Unhais da Serra — Covilhã — Tortozendo — Barco — Orvalho — Álvaro — Pedrogão — Tomar é de cerca de **320** quilómetros.

Vindo de Unhais directamente a Barco, reduz-se o caminho em perto de **50** quilómetros. Pelo caminho da Sertã e Águas Belas, as distâncias são ligeiramente superiores : **330** e **280** quilómetros aproximadamente, conforme se vai ou não à Covilhã.

A viagem por Teixeira, ao norte do Sobral, Paúl e Barco é de cerca de 260 quilómetros: seguindo do Paúl ao Cabril e Álvaro, reduz-se a sua extensão apenas de uma légua.

A directriz de Vide ao Sobral conduz-nos a distâncias de 220 ou 245 quilómetros, conforme se vá atravessar o Zézere em Ourondo ou em Álvaro.

O caminho a grande altitude, que passa junto da pirâmide geodésica de S. Pedro do Açor, reduz a distância da Várzea ao Sobral a uns 40 quilómetros, e portanto o total a 240 ou **235**. O caminho por Fajão é mais curto ainda, uns **215** quilómetros,

mas não é certo que o Ceira fosse transponível naquela época, embora exista um porto nas proximidades da vila.

Pela Pampilhosa e por Alvares, as distâncias são respectivamente de 180 e 150 quilómetros.

Ora, como já demonstrámos que este caminho foi percorrido num máximo de três dias úteis, a jornada média do duque e dos seus companheiros, admitindo que a viagem se fizesse pelo vale do Alvoco, seria em todos os casos superior a 80 quilómetros, e de mais de 100, se tivessem ido à Covilhã.

Este último valor é completamente inadmissível, e mesmo o menor, embora já aceitável, parece exagerado, se atendermos a que se trata de uma região muito acidentada, de maus caminhos com grandes declives e de época do ano ainda pouco favorável a viagens. Não podemos deixar de notar mais uma vez que a jornada efectiva é consideravelmente aumentada pelas inclinações da serra: não será exagerado computar esse acréscimo em 15%, correspondente a uma inclinação média de cerca de 30°. Ainda se deve tomar em consideração o aumento de fadiga, muito maior que o da distância.

Pelo contrário, os caminhos mais curtos dariam a jornada média de 50 a 60 quilómetros (60 a 70 efectivos), fácil de efectuar para os homens da época, habituados à marcha a pé e a cavalo.

O Duque e os seus principais companheiros iam decerto montados; é muito provável que os guias fossem a pé, mas esses só eram necessários para a travessia da serra, que, por este caminho, podia estar efectuada pelo meio-dia de sábado. Supondo que a paragem se efectuou logo depois de ela terminar, não é mesmo inadmissível que o resto da viagem, já por estrada trilhada e onde haveria certas facilidades em substituir as montadas, pudesse ser feita numa só etapa, realmente forte mas não excessiva.

Assim, pois, a solução mais natural que podemos dar ao problema do caminho seguido pelo Duque de Bragança consiste em supor que ele atravessou a serra da Lousã na direcção da Pampilhosa ou de Alvares, seguindo daí a Pedrógão ou directamente a Figueiró dos Vinhos, e depois, por Tomar, a Santarém.

Não ignoramos que a primeira objecção que ocorre contra a teoria antes exposta é a de que nesse caso o Duque teria atravessado não a serra da Estrela, mas a da Lousã.

A tal responderemos, em primeiro lugar, que era esta, e não aquela, a serra que ele tinha à esquerda, quando na Várzea, e olhando aproximadamente a Sudoeste, defrontava o exército do Infante estacionado em Vilarinho. Acresce, porém, que há razões para supor que é relativamente moderna a distinção entre Serra da Estrela e Serra da Lousa. Um escritor da região, Miguel Leitão de Andrada, numa das suas imaginosas etimologias toponímicas, deixa-nos a clara indicação de considerar a Lousã como incluída na Serra da Estrela: «por viver Estelia sempre por estas serras, e nellas acabar,.....delle, como já vos disse, se chamou o seu altar de Triumvir, ou Trivim... e a serra se chamou do Estelia, agora da Estrella» (5).

Assim, pois, no século xvii, o alto de Trevim, ponto culminante da serra da Lousã, onde foi edificada a pirâmide geodésica deste nome, era considerada como fazendo parte da serra da Estrela, de que, em verdade, aquela é simples prolongamento. A distinção toponímica não devia portanto estar feita quando Pina escreveu a sua crónica, nem o estaria até bastante mais tarde : ainda não figura nos *Sucessos militares* de Salgado de Araújo (1644).

Por outro lado, é incontestável que era utilizado em época posterior um caminho próximo daquele que supomos seguido pelo Duque de Bragança. Na *Carta Militar das principais estradas de Portugal*, anotada pelo engenheiro Lourenço Homem da Cunha de Eça (1808), aparece indicado um caminho secundário que segue de Góis, pelas proximidades da Pampilhosa e sempre na margem direita da ribeira deste nome, a Pedrógão-Grande, onde atravessa o Zézere para Pedrógão-Pequeno ; continua depois para Sernache-T e, perto de Vila de Rei, bifurca-se, podendo tomar-se a estrada de Tomar ou o caminho de Punhete (hoje Vila-Nova de Constância).

Na *Memória Historico-chorographica dos diversos concelhos do distrito administrativo de Coimbra*, de António Luiz de Sousa Henriques Secco (6), regista-se que o caminho de Alvares para Lisboa se fazia por Figueiró dos Vinhos, Arega, Tomar, Golegã, etc.

E provável que já existissem comunicações aproximadamente

(5) *Miscellanea*, 366; Lisboa 1867.

(6) *Coimbra*, 1854.

com estas directrizes na época de que tratamos, mas é quase certo não ter sido por caminho muito trilhado que o Duque de Bragança se afastou da Várzea.

Não só o afirma o próprio texto de Pina, mas era lógico que tal fizesse para tornar mais difícil a perseguição que devia temer, # e consideraria provável, só entrando em estrada ou caminho utilizado correntemente, quando estivesse bastante longe do inimigo.

Esta mesma consideração nos leva a concluir que as forças a que mais adiante se refere o cronista de D. Afonso V não levaram o mesmo rumo que o seu chefe, visto ter sido num lugar chamado Albergaria, próximo da linha de cumeada da serra, que morreram de frio alguns homens e cavalos. Efectivamente, a existência de uma albergaria prova que o caminho por eles seguido era bastante frequentado para ali se haver estabelecido um abrigo permanente para os viandantes.

Considerando ainda as palavras da crónica, outra objecção pode surgir em vista da notícia de que o Duque reuniu os restos das suas tropas «da banda da Covilhã»; mas devemos atender a que a expressão não é bastante clara, podendo significar apenas a encosta sul da Serra da Estrela, e, sobretudo, a que, nesta época, a Pampilhosa, Alvaro, e Oleiros pertenciam ao termo da Covilhã, apesar da má-vontade repetidas vezes manifestada pelos seus moradores (7).

Nada, portanto, se opõe, dentro do texto de Pina, a que o Duque de Bragança, ao abandonar o acampamento da Várzea, tivesse seguido veredas hoje indetermináveis, mas cuja direcção aproximada se pode marcar entre as de Alvares e Pampilhosa, presumivelmente mais chegada à última que à primeira.

Resta-nos ainda estudar qual seria o caminho das tropas a que se refere o passo da crónica imediatamente seguinte.

^ E de supor que os homens deixados sem comando se dispersassem desordenadamente, mas talvez uma fracção importante tomasse a direcção que mais rapidamente os afastava do inimigo, e essa poderia ser realmente a de Alvoco da Serra e Covilhã; não oferecia, porém, menores vantagens, sob esse ponto de vista, o caminho do Sobral ou até o de Fajão.

(7) José Anastácio de Figueiredo, *Nova Historia da Militar Ordem de Malta*, i, 158-165; Lisboa, 1800.

Citaremos um facto, referido por testemunha presencial, que pode servir de termo de comparação. Em 1847, uma guerrilha mista de legitimistas e setembristas encontrava-se em Góis e na Várzea no mês de Maio, tendo-se já verificado que a aproximação de quaisquer forças causava pânico nos homens ali reunidos.

Em 25 deste mês, convenceram-se os chefes que ali comandavam, que estava iminente um ataque, e executaram a sua retirada por Celaviza, Teixeira (que não é aquela de que antes nos ocupámos, mas a que fica na vertente meridional da serra) e Fajão, embora levassem o fito na Covilhã. Atravessaram o Ze'zere em Dómelas, seguindo por Silvares e Ourondo (com nova travessia do rio não referida pelo memorialista) ao Paúl e Tortozendo.

As condições de marcha destas tropas irregulares não diferiam notavelmente daquelas em que se encontravam os fugitivos de quatro séculos antes, e também não seria grande a diferença do estado dos caminhos da serra (8).

Dez anos antes, o marechal Saldanha passara pela mesma região, quando levou os homens que o acompanhavam na *revolta dos marechais* de Castelo-Branco para Coimbra; mas os documentos que nos ficaram sobre a sua marcha, quer emanando dos seus companheiros, quer dos seus adversários, não nos elucidam acerca do caminho seguido, embora se refiram às dificuldades que oferecia.

Do caminho seguido pelos homens do Duque de Bragança só sabemos que subia a serra de Baço e passava numa albergaria.

Na região de que tratamos, duas vezes apenas encontrámos o topónimo «Albergaria», mas nenhum destes lugares deve ser o referido na narração de Pina. O primeiro, situado na freguesia de Antanho, fica muito longe do teatro das operações; o segundo demora, em verdade, ao sul da Várzea, e por ali podiam ter seguido para o sul alguns fugitivos, mas longe de se encontrar próximo do alto da serra, fica no fundo de um vale, na estrada de Góis a Lousã.

Estamos, pois, reduzidos a raciocinar sobre a expressão, um tanto vaga, de «serra de Baço» ou, como veremos noutro texto, «serra do Boco». A diferença não é tão grande como se pode

(8) Os factos de que tratamos são relatados pelo Dr. António Luis de Sousa Henriques Secco, que fizera parte da guerrilha nas *Memórias do tempo passado e presente*, 1, 469 e seg.; Coimbra, 1880*

supor, porque, às vezes, os escribas cedilhavam indevidamente os cc.

A semelhança entre Boco e Alvoco impressiona imediatamente, e não é inadmissível que fosse considerado separável o prefixo árabe *al*. Textos do século xvii falam de Jebe em vez de Odegebe, e ainda hoje no Algarve se chama farrobas aos frutos da alfarrobeira.

A palavra Alvoco não parece ser de origem árabe; o distinto arabista Dr. Manuel de Vasconcelos procedeu, a nosso pedido, a investigações sobre o assunto, e concluiu que, se a primeira sílaba é o artigo árabe que figura no início de muitas palavras portuguesas, deve tratar-se de arabização de um termo latino.

O topónimo Boco é frequente, indicando sempre uma passagem, como os seus derivados Boquete, Boqueirão. Dá-se até o caso, que próximo do caminho de Coja para Vide, há um casal designado na carta de 1/100.000 pelo nome de Boque, mas que é certamente o mesmo que, no *Mappa do Districto administrativo de Coimbra*, elaborado por António Luís de Sousa Henriques Secco, se refere na freguesia de Aldeia das Dez, no concelho de Avô, com o nome de Casal do Boco (9).

Na *Chorographia Historico-Estatistica do Districto de Coimbra*, de Agostinho Rodrigues de Azevedo (10), figura este lugar apenas com o nome de Bóco; pela supressão do concelho de Avô, pertencia então ao de Oliveira do Hospital (41).

Este casal marca realmente a direcção de uma portela situada imediatamente a leste da pirâmide geodésica Mendacha, e é admissível que por aqui passassem os fugitivos que queriam atravessar de norte para sul da serra da Estrela.

Na freguesia de Vilarinho há também um Boque, situado igualmente numa portela por onde passa o caminho de Serpins a Foz de Arouce, mas a posição desta localidade exclui-a de ser tomada em consideração no problema que nos interessa.

Nada se opõe, portanto, a que o topónimo Alvoco resulte da arabização da palavra Boco, derivada, provavelmente, do latino *bucca*, e servindo para designar uma portela. Por outro lado, (4) (4)

(•) *Op. cit.* 9; Coimbra, 1854.

(to) Coimbra, 1896.

(11) *Op. cit.*, 139.

devemos considerar que o rio Alvoco é afluente do Alva, sendo razoável admitir origem comum para as duas palavras.

Nesse caso, deveríamos marcar o caminho seguido pelos fugitivos do acampamento como sendo o de Vide ou o de Sobral.

E necessário, porém, insistir na pouca probabilidade de que fosse essa a direcção seguida pelo Duque de Bragança, mas tão somente a de certos dos seus homens, mais desejosos de se afastarem rapidamente do inimigo do que de procurar o chefe desaparecido.

Para esta maneira de ver encontramos confirmação num livro impresso, mas relativamente pouco conhecido e menos aproveitado : a *Relação* de Gaspar Dias de Landim.

Foi esta obra publicada, há cerca de sessenta anos ⁽¹²⁾ segundo um manuscrito pertencente ao bibliófilo José Maria Nepomuceno. Luciano Cordeiro, ao prefaciá-la, declara tratar-se de um belo volume, in-quarto, excelentemente conservado, «que não tenho a menor dúvida de que é o original». O seu título era *Copiosa Rellação das competencias que houve neste Reyno sobre o governo delle entre a Rainha D. Leonor e o Infante D. Pedro seu cunhado*, etc.

Os processos de trabalho de Luciano Cordeiro levam-nos a pensar que lhe sobriariam razões para tão peremptoriamente afirmar que se tratava do original. Desconhecemos o destino do manuscrito, de que não faz menção o *Catálogo* da livraria de Nepomuceno, e que justificaria talvez aquela forma de ver. Fazendo fé apenas pela obra impressa, não nos parece certo que se não trate de cópia — e até de cópia bastante má.

De facto, há passos que são completamente incompreensíveis e que não podem admitir-se senão como resultado de má leitura de um copista inábil e desastrado paleógrafo. Por exemplo, no capítulo xii do livro III ⁽¹³⁾, lê-se que D. Pedro respondeu a Fernão Gonçalves de Miranda, enviado por D. Afonso V a intimar-lhe que despedisse a gente que juntara, e que não impedisse a passagem do duque de Bragança: «...se o duque queria passar por suas terras, o fizesse quietamente, sem estrondo de armas e gente de guerra, ... e sendo assim o não teria por quebra nem

⁽¹²⁾ Lisboa, 1893-94.

⁽¹³⁾ Cp» citmy III, 5i.

abatimento, e *faria em audácia* fazer (*sic*) ao duque seu irmão todo o serviço e bom recolhimento...».

Ora, na cópia existente na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa (cópia devida a Fr. Vicente Salgado, que Luciano Cordeiro cita no referido prefácio), diz-se no mesmo ponto: «o não teria por quebra nem abatimento e faria e mandaria fazer ao duque seu irmão» — o que, de certo, é mais exacta reprodução das palavras de Landim. Em letra encadeada e para um mau paleógrafo é fácil a confusão de *e mandaria* com *em audácia* mas o sentido da frase torna-se incompreensível ⁽⁴¹⁾.

Luciano Cordeiro queixa-se, com razão, no seu prefácio, do «esquecimento ou ... ostracismo brutalmente injusto» a que fora condenado este livro. Depois de ele o ter publicado, não mudaram muito as coisas, talvez pelos «preconceitos e intenções com que a política costuma deturpar a história».

O licenciado Gaspar Dias era homem da Casa de Bragança, e, de certo por este facto, a sua narração é de espírito directamente oposto àquele que anima a crónica de Pina. Mas isso não importa negar categoria à sua obra, antes pelo contrário lhe dá o interesse de uma versão a contrapor à oficial, e da maior utilidade para verificar a confiança que ela pode merecer.

Acresce que Landim conheceu e utilizou documentos que Rui de Pina aproveitou incompletamente, por ignorância ou propósito. Como porém, o seu livro é aproximadamente um século posterior ao do cronista, o licenciado extraiu deste muitos passos da sua obra, e em certos casos parece até não ter tido outra fonte.

Assim, um documento publicado por António Francisco Barata no *Arquivo Histórico Português*, é muito mais minucioso do que o passo em que Landim, copiando Rui de Pina, o resume com alguma inexactidão. Notaremos que o traslado de Barata atribui os acusações feitas a D. Pedro a João *Rodrigues*, e não a João *Pires* de Carvalho, como o fazem os dois outros autores, e que deve ser o nome exacto. Apesar disso, parece-nos incontestável que se trata do documento que serviu aos cronistas, e que eles comentam de formas diferentes.

(U) Outros pontos serviriam para apoiar a nossa maneira de ver ; a um deles temos de nos referir na transcrição que adiante fazemos.

Landim usou talvez, como supõe Luciano Cordeiro, para a composição da sua obra, de documentos do arquivo da Casa de Bragança. No caso de que tratamos, seja essa ou outra razão, é certo que o seu relato fere alguns pontos que Pina deixou obscuros, e constitui um quadro muito mais claro que o do seu antecessor, ao qual, todavia, recorre evidentemente.

(*D. Pedro*) com muita brevidade se partiu com sua gente em ordem para Louzã de d'ahi caminhou para uma aldeia chamada Villarinho, onde soube que o Duque tinha chegado a Laxes, couto do Bispo de Coimbra.

O Infante Duque continuou seu caminho até duas leguas da Louzã, crendo que o Infante seu irmão se não atreveria a resistir-lhe nem moveria seu campo de Penella para ir em sua demanda... mas como por suas espias soube que vinha até Serpins, que era uma legoa do lugar d'onde estava... como sua tenção fosse notar os animos dos que o acompanhavam, alcançou a pouca confiança que d'elles podia fazer.....

.....chegou a seus alojamentos João Pires de Carvalho, com uma carta de letra do mesmo Rei D. Affonso, em que lhe mandava expressamente que não pelejasse com o Infante D. Pedro, e com muita brevidade se fosse a Santarém tomando outro caminho.... estando a este tempo em (*sic*) campo do outro cousa de meia legua... (o *Infante esperava que dos soldados do duque muitos passassem para ele*).

Era em sexta-feira antes do dia de Ramos do anno de 1449, quando o Duque----- não se havia por seguro tendo similhante gente comsigo ; e não querendo dar volta atraz, determinou tomar outro caminho, de que avisou aquelles que conhecia como leaes, e dos em que conheceu o contrario não fez caso.... e aos leaes avizou que sendo noute fossem poucos e poucos por differentes caminhos a um certo logar esperar por elle ; e com uma hora de noute com poucos em companhia se foi ajuntar com elles e tanto que chegou á ligeira atravessou a Serra de Estrella, que lhe ficava à mão esquerda....

A mais gente que ficou no arraial... uns se foram ao arraial do Infante D. Pedro, e outros em seguimento do Duque como melhor poderam ; e houve em sua partida mui grande desordem, uns tomaram o caminho por onde elle ia, outros passaram pela serra do Boco e foram sahir da outra parte a Covilhã, e na passagem tiveram grande trabalho.... E em cima da serra onde se chama Albergaria, se acharam algumas pessoas mortas de frio, com que foram castigados por sua pouca fidelidade....

... El-Rei se houve por mal servido delles....

O Duque tanto que passou a serra se deteve dois dias para recolher a gente que o seguia, que pela incommodidade da serra se não podia ajuntar mais depressa, e passados elles seguiu seu caminho para a córte....

... .posto que era segunda feira da semana santa, mandou El-Rei ajuntar os fidalgos....

*...(£). Afonso V) mandou pôr editos contra todos os que estavam em Coimbra com o Infante.... contra os que de novo se fossem para elle, ou de qualquer modo tratassem de o ajudar.... (e mandou-os publicar em Coimbra) a qual publicação não quiz o Infante consentir que se fizesse, e sendo levado perante elle Lourenço Abul.... lhe mandou que os não publicasse....

... .e foi tanta a pressa com que El-Rei procedeu neste negócio que sendo assim que o Duque partiu de seu alojamento, vespera de Ramos, e Lourenço Abul chegou a Coimbra vespera de Paschoa, e em dia de Paschoa se apresentou a El-Rei....

(Gaspar Dias de Landim, *O Infante D. Pedro*, m, 52-76 ; Lisboa, 1894)

Notemos, antes de mais nada, que, onde a obra impressa diz «Laxes couto do Bispo de Coimbra» a cópia de Fr, Vicente Salgado traz Coxes; é outra confusão admissível de leitura feita por um mau paleógrafo. A versão do franciscano é, decerto, mais próxima do original.

Como se vê, esta relação satisfaz melhor que a de Pina à precisão dos factos.

Em primeiro lugar, fixa-se a cronologia da marcha do Duque, que sai do seu acampamento na noite de sexta-feira antes de domingo de Ramos, atravessa a serra, pára dois dias (certamente incompletos) à espera de que se unam alguns dos seus homens, e na segunda-feira seguinte atinge Santarém. Isto é, a travessia da serra (forçosamente a da Lousa) faz-se na noite de sexta e em parte de sábado. A paragem dá-se provavelmente pelas margens do Zézere, em Pedrógão, Figueiró ou Sernache, de onde o Duque torna a partir, supomos que na tarde de domingo de Ramos, aproveitando já as facilidades de transporte que oferecia a estrada.

As várias reuniões do Conselho de El-Rei, em que se assentou o procedimento a tomar contra D. Pedro, decorreriam possivelmente desde a noite de segunda-feira por todos os dois dias seguintes, e talvez até a manhã de quinta, o que não é muito provável.

Há outro passo do livro de Landim que confirma absolutamente a interpretação que demos ao texto de Rui de Pina. E aquele onde se diz que os que passaram a serra do Boco e foram sair à Covilhã não levaram o mesmo caminho que o Duque. Se não fica elucidada a directriz seguida, continuando duvidoso se foi a de Alvoco da Serra, a de Barco, a de Ourondo, ou a de Dómelas,

é pelo menos certo que não procuraram reunir-se ao seu comandante, demonstrando com isso «pouca fidelidade».

Cremos, portanto, que, em resumo, se pode definitivamente julgar errónea a interpretação que os historiadores deram ao passo de Rui de Pina que motivou o nosso estudo, e considerar que o provável caminho do Duque de Bragança, ao abandonar o seu exército, se dirigia aproximadamente a Alvares ou, quando muito, à Pampilhosa da Serra.

Também não parece duvidoso que os homens pertencentes às suas tropas, que maiores inclemências sofreram na passagem da serra, não seguiram o mesmo caminho, mas sim outro situado mais a Oriente.

Não podemos, actualmente, indicar com rigor o seu traçado, porque o topónimo Albergaria não figura, como dissemos, nas cartas ou obras corográficas recentes. Deve, portanto, ser pouco usado, mas talvez não esteja ainda esquecido, porque recolhemos a informação de que se conserva o nome de Portela de Abergaria a uma portela existente nas proximidades do Monte frio (que nas cartas aparece inominada) por onde ainda certos vendedores ambulantes passam do concelho de Arganil para o do Fundão.

Não conseguimos obter confirmação para esse informe individual, mas não é provável que seja pura obra de imaginação, porque vêm de pessoa que, decerto, nunca leu a crónica de Pina ou a de Landim, nem provavelmente lhes conhece a existência.

Todas estas circunstâncias nos levam à conclusão de que, pelo menos na Baixa Idade-Média, existia uma comunicação corrente e de certa importância entre as duas vertentes da Serra da Estrela, por uma região que mais tarde passou a ser servida apenas por caminhos de montanha.

E de supor que mudanças das condições económicas da vida tornassem menos frequentes as travessias da serra, e que a antiga estrada, perdendo quase totalmente a utilidade, terminasse por ser abandonada.

(Página deixada propositadamente em branco)

